

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

MARIA PAULA BALUZ SOUSA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E GÊNERO: análise dos fatores do conhecimento
financeiro entre mulheres**

São Luís
2025

MARIA PAULA BALUZ SOUSA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E GÊNERO: análise dos fatores do conhecimento
financeiro entre mulheres**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Administração da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof^a. Dra. Fernanda Paes Arantes

São Luís

2025

Sousa, Maria Paula Baluz.

Educação financeira e gênero: análise dos fatores do conhecimento financeiro entre mulheres / Maria Paula Baluz Souza. – 2025.

46 f.

Orientador(a): Fernanda Paes Arantes.

Monografia (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Educação Financeira. 2. Gap de Gênero. 3. Mulheres. I. Arantes, Fernanda Paes. II. Título.

MARIA PAULA BALUZ SOUSA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E GÊNERO: análise dos fatores do conhecimento
financeiro entre mulheres**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Administração da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovado em: 25 / 07 /2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Fernanda Paes Arantes (orientador)
Dra. em Engenharia de Produção
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Tadeu Gomes Teixeira
Dr. em Ciências Sociais
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Aline Alvares Melo
Dr.^a em Administração
Universidade Federal do Maranhão

Aos meus pais, por todo amor, apoio,
oração e dedicação incondicionais.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ser tão bom, amável, misericordioso, por toda a força e sustentação que me concedeu ao longo da minha vida, em especial, durante a jornada acadêmica. Foram muitas fases e obstáculos que, sem Ele, eu jamais teria conseguido superar.

Aos meus pais, Fabiana Sousa e Paulo Sousa, por me amarem e apoiarem incondicionalmente em tudo o que faço. Obrigada por sempre tomarem os meus sonhos como se fossem seus e por fazerem o possível — e muitas vezes o impossível — para que eu os realizasse. Sem o esforço diário de vocês, incentivando-me a permanecer firme na fé e nos meus propósitos, eu não teria chegado até aqui. Ao meu amado irmão Miguell, que trouxe luz e alegria à minha vida desde que nasceu, e que me ajuda, todos os dias, a ser alguém melhor.

Aos meus professores, em especial à professora Fernanda Paes Arantes, pela orientação atenciosa, paciência, disponibilidade e contribuições valiosas que permitiram a concretização deste trabalho.

Aos colegas e amigos que estiveram ao meu lado nessa caminhada, pelo companheirismo, apoio e incentivo constantes. Em especial, agradeço aos meus amigos de trabalho, em especial Lorena Gusmão, Raissa Durans, Elias Santana e Matheus Coelho, que viveram essa jornada comigo desde o início, celebraram cada avanço, colaboraram em cada dificuldade e, sobretudo, não permitiram que eu desistisse, nem por um segundo.

Agradeço também, com carinho, às minhas amigas do Grupo WINX, que confiaram no meu projeto e, com suas orações e amizade, me sustentaram emocionalmente até o fim.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para essa conquista, deixo aqui o meu mais sincero e profundo agradecimento.

RESUMO

Este trabalho analisa os fatores que influenciam a educação financeira entre mulheres, destacando como aspectos comportamentais, socioeconômicos e educacionais contribuem para o gap de gênero. O objetivo é identificar os principais fatores relacionados ao baixo nível de literacia financeira feminina. A metodologia adotada foi uma revisão sistemática da literatura, guiada pelo protocolo PRISMA, com base em 14 estudos publicados entre 2011 e 2024 nas bases Scopus, Web of Science, Scielo. Os resultados revelam que mulheres tendem a apresentar menor autoconfiança, maior aversão ao risco e dependência de terceiros para decisões financeiras, mesmo possuindo conhecimento semelhante ao dos homens. A condição conjugal, renda e escolaridade também se mostram determinantes. Conclui-se que políticas públicas devem considerar não apenas o ensino técnico, mas também os vieses comportamentais e as barreiras sociais enfrentadas pelas mulheres. O estudo reforça a necessidade de intervenções educativas sensíveis ao gênero para promover a inclusão financeira.

Palavras-chave: Educação Financeira. Gap de Gênero. Mulheres.

ABSTRACT

This paper analyzes the factors that influence financial literacy among women, highlighting how behavioral, socioeconomic and educational aspects contribute to the gender gap. The aim is to identify the main factors related to the low level of female financial literacy. The methodology adopted was a systematic literature review, guided by the PRISMA protocol, based on 14 studies published between 2011 and 2024 on the Scopus, Web of Science and Scielo databases. The results show that women tend to have lower self-confidence, greater risk aversion and dependence on third parties for financial decisions, even though their knowledge is similar to that of men. Marital status, income and schooling also proved to be determining factors. The conclusion is that public policies should consider not only technical education, but also the behavioral biases and social barriers faced by women. The study reinforces the need for gender-sensitive educational interventions to promote financial inclusion.

Keywords: Financial Literacy. Gender Gap. Woman.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OCDE:	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PRISMA	Statement (Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analyses
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
CFCS	Canadian Financial Capability Survey
COGeCON	Cognitive Economics Survey
FSES	Financial Self-Efficacy Scale

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Processo administrativo: ciclo repetitivo de eventos

25

LI STA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – 1 Distribuição temporal dos estudos	28
Gráfico 2 - Distribuição geográfica dos estudos	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fatores do gap de gênero em educação financeira	35
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estudos por região	29
Tabela 2 - Estudo por idade	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Apresentação do problema de pesquisa	13
1.2 Objetivos	15
1.2.1 <i>Objetivo Geral</i>	15
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	15
2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA	16
2.1 Educação Financeira entre Mulheres	17
2.2 Fatores da diferença do nível educacional entre os gêneros	19
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	23
4 RESULTADO DA PESQUISA	27
4.1 Teoria	27
4.2 Contexto	28
4.3 Fatores da diferença de gênero	32
4.4 Metodologia	36
5 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do problema de pesquisa

Nos últimos anos, a educação financeira tem ganhado destaque como instrumento essencial para promover uma cidadania econômica plena. Estudos mostram que o conhecimento financeiro adequado contribui para decisões mais acertadas no âmbito pessoal, pois indivíduos com maior literacia financeira tendem a tomar decisões financeiras de forma mais qualificada (Lusardi; Mitchell, 2007, 2014; Potrich *et al.*, 2022).

Nesse sentido, organizações internacionais como a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) têm desenvolvido metodologias para mensurar a literacia financeira de modo abrangente, incorporando não só conhecimentos, mas também atitudes e comportamentos financeiros (OCDE, 2012). O cenário evidencia a relevância da educação financeira como ferramenta de empoderamento individual e coletivo, capaz de influenciar positivamente o consumo, poupança e investimentos na vida das pessoas.

A crescente participação das mulheres no mercado de trabalho e a busca por autonomia financeira têm impulsionado a necessidade de abordar a temática da educação financeira com um olhar específico para as suas necessidades e desafios. Entretanto, evidências internacionais apontam para uma lacuna de gênero na literacia financeira. Estudos indicam que, em média, as mulheres apresentam desempenho inferior ao dos homens em testes de conhecimentos financeiros e manifestam menos confiança em suas habilidades econômicas (Hugh; Yoong; Brown, 2012; Byder *et al.*, 2019; Dwyer *et al.*, 2002; Dogra; Kaushal; Sharma, 2023; Lee; Kelley, 2023).

Dados globais corroboram esse retrato. Pesquisas demonstram que apenas 30% das mulheres são consideradas financeiramente alfabetizadas, contra 35% dos homens em nível mundial (Hasler; Lusardi, 2017). Nesse contexto, Lusardi (2019) destaca que “as mulheres são menos propensas, se comparadas aos homens, a responder corretamente perguntas sobre conhecimento financeiro”, ilustrando um excesso de confiança masculino em contraste com a menor autoconfiança feminina.

Autores sugerem que essa disparidade decorre de fatores sociais e comportamentais. Por exemplo, Potrich *et al.* (2013) afirmam que as famílias

costumam “proteger as mulheres”, enquanto incentivam os homens a gerirem as finanças do lar, o que naturalmente limita a exposição feminina às decisões econômicas. Nesse contexto, Hsu (2011) observa que as mulheres geralmente só têm contato mais direto com assuntos financeiros em momentos como casamentos ou viuvez, quando precisam assumir sozinhas a gestão dos recursos familiares. Estudo apontam ainda que mulheres solteiras possuem níveis mais elevados de sofrimento psicológico em comparação com as mulheres casadas (Hope et al., 1999). Há ainda o fator psicológico: as mulheres tendem a demonstrar menor confiança em seu conhecimento econômico, optando com mais frequência pela resposta “não sei” em questões financeiras – o que aumenta a diferença aparente de gênero na literacia financeira (Bucher-Koenen et al. 2017; Alessie; van Rooij; Lusardi, 2011; Costa et al. 2023).

A literatura aponta ainda que, historicamente, a administração financeira tem sido delegada, em grande parte, aos homens, o que limita a experiência e o aprendizado financeiro das mulheres ao longo da vida (Fonseca et al., 2012; Elder; Rudolph, 2003)

Esses elementos combinam-se a desafios estruturais, como o acesso desigual a educação e informação financeiras, contribuindo para manter o baixo nível de literacia financeira entre as mulheres (Cúpak et al. 2018; Costa et al. 2023). Nesse sentido, a OCDE destaca que programas de educação financeira direcionados às necessidades específicas das mulheres podem ser promissores para superar essas barreiras.

Nesse sentido, este trabalho busca responder ao seguinte questionamento: **Quais fatores determinam o nível de conhecimento financeiro entre as mulheres?** Nesse sentido, busca-se investigar como variáveis econômicas, sociais e psicológicas contribuem para a alfabetização financeira feminina. A formulação clara desse problema orienta a investigação sobre os determinantes do conhecimento financeiro feminino e a identificação dos desafios que precisam ser enfrentados para o desenvolvimento de estratégias eficazes de educação financeira de gênero.

Além da relevância acadêmica, a questão tem importância prática e social. A educação financeira é considerada um meio de empoderamento econômico, proporcionando maior autonomia às mulheres (Haque; Zulfiqar, 2016).

Adicionalmente, do ponto de vista científico, aprofundar a compreensão dos fatores que influenciam o conhecimento financeiro das mulheres contribui para a formulação de políticas públicas e intervenções educacionais mais adequadas, conforme sugerido na literatura especializada (Hung, 2012).

Em suma, este estudo justifica-se pela importância social de promover a inclusão financeira das mulheres, pelo potencial de ganhos econômicos resultante dessa inclusão e pela contribuição teórica ao debate sobre desigualdades de gênero em finanças.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar os fatores determinantes do conhecimento financeiro entre as mulheres, por meio de uma revisão sistemática da literatura.

1.2.2 Objetivos específicos

- Mapear estudos que abordem a relação entre educação financeira e gênero;
- Identificar fatores estruturais e comportamentais associados ao menor nível de literacia financeira das mulheres;
- Investigar as implicações do baixo nível de educação financeira na autonomia econômica e na tomada de decisão das mulheres.

2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Nos últimos anos, a educação financeira tem ganhado destaque como instrumento essencial para promover maior liberdade econômica aos indivíduos. Estudos evidenciam que o conhecimento financeiro adequado contribui para decisões mais acertadas (Lusardi; Mitchel, 2014; Hira, 2019). Nesse sentido, diversas pesquisas têm desenvolvido metodologias para mensurar a literacia financeira de modo abrangente, incorporando não só conhecimentos, mas também atitudes e comportamentos financeiros.

Segundo a OCDE (2013), educação financeira é o processo em que os indivíduos são capazes de melhor identificar e compreender sobre produtos financeiros, conceitos, riscos e desenvolver capacidade de tomar decisões seguras para seu bem-estar.

Para Iriobe *et al.* (2017), a educação financeira é um conjunto de conhecimentos e habilidades que capacitam o indivíduo para a tomada de decisão assertiva, possibilitam a construção de riqueza e, com isso, seja possível atingir a independência financeira.

Em seu estudo, Andrade (2018) aponta que o conceito de Educação Financeira aborda o conhecimento financeiro específico capaz de gerar competências aplicadas ao longo da vida e o diferencia da Alfabetização Financeira, sendo esta capaz de abranger “o conhecimento, a atitude e o comportamento financeiro”. Por exemplo, uma pessoa financeiramente alfabetizada entende conceitos como juros compostos, sabe elaborar um orçamento doméstico, compara preços antes de comprar e evita dívidas descontroladas. Hira (2019) aponta ainda que a alfabetização financeira pode conter significados diferentes para diferentes pessoas, atuando como um conceito particular.

Ressalta-se ainda que a educação financeira permite ao indivíduo identificar conceitos como juros simples e compostos, risco, retorno e inflação, segundo o entendimento da OCDE. A partir desses conceitos é possível gerir seus recursos financeiros (Hilgert; Hogarth; Beverly, 2003), tomar decisões (Elder; Rudolph, 2003) e realizar investimentos para o futuro (Lusardi; Mitchell, 2011).

Evidências empíricas mostram que pessoas com maior conhecimento, educação e capacidade financeira são mais hábeis em administrar suas finanças e alcançam melhores resultados em suas tomadas de decisão (Hsu *et al.*, 2021).

Potrich *et al.* (2022) acrescentam ainda que, maior nível de educação financeira permite maior capacidade de planejamento financeiro, sendo assim possível realizar objetivos pessoais, ampliar poder aquisitivo e contribuir positivamente para o desenvolvimento econômico do país.

2.1 Educação Financeira entre Mulheres

A educação financeira é um elemento fundamental para a tomada de decisões econômicas conscientes e para a promoção da independência financeira. No entanto, pesquisas indicam que as mulheres, em média, possuem um nível de conhecimento financeiro inferior ao dos homens, o que impacta sua participação econômica e sua capacidade de gerir recursos de forma eficiente e gera insegurança para tomar decisões (Alessie; Van Rooij; Lusardi, 2011; Bucher-Koenen *et al.*, 2017; Costa *et al.*, 2023).

O novo mercado de trabalho, embora ainda possua barreiras enraizadas, tem sido ocupado cada vez mais por mulheres, impulsionando a necessidade de entender e exercer sua liberdade financeira (Assis, 2023). Nesse sentido, a educação financeira surge como ferramenta essencial para o empoderamento, permitindo que mulheres gerenciem seus recursos de forma eficaz, tomem decisões conscientes e alcancem seus objetivos (Andrade, 2018).

A importância da literacia financeira para as mulheres se intensifica em um contexto social no qual elas assumem cada vez mais responsabilidades, como a chefia da família e a administração do orçamento doméstico e enfrentam desafios como desigualdade salarial e jornada de trabalho dupla (Fernandes, 2015). Nesse sentido, o autor destaca que a conscientização sobre os benefícios da educação financeira e a oferta de programas e ferramentas que atendam às suas particularidades são essenciais para promover a independência financeira e o bem-estar das mulheres.

A complexidade do mercado financeiro, aliada à disparidade salarial ainda existente entre gêneros, torna a educação financeira uma ferramenta crucial para o empoderamento feminino, permitindo que as mulheres tomem decisões mais conscientes e assertivas sobre seus recursos (Assis, 2023). Estima-se que o fechamento da lacuna de gênero na participação no mercado de trabalho e em posições de liderança poderia adicionar até US\$ 7 trilhões ao PIB global, tal dado

reforça a importância econômica e social do desenvolvimento da educação financeira entre as mulheres e da redução do *gap* de gênero.

Segundo pesquisas o nível de alfabetização financeira dentro do gênero feminino é fortemente influenciado por variáveis socioeconômicas e demográficas como idade, sexo, renda, estado civil, escolaridade, ocupação e raça, como apontado por Fonseca (2012). Em pesquisa realizada por Costa, Vieira, Becker e Matheis (2021), essas variáveis possuem diferenças significativas ao serem analisadas, sendo mulheres casadas com dependentes, com maior renda, de faixa etária entre 34 a 46 anos e de 47 a 62 anos, brancas e de maior nível de escolaridade possuem maior índice de alfabetização financeira. Essa realidade pode se perpetuar por diversos fatores históricos, culturais, sociais e econômicos em que a mulher vive.

No Brasil, o Relatório do Índice Global de Desigualdade de Gênero de 2024 destaca uma disparidade de gênero significativa no Brasil, classificando-o em 70º lugar entre 146 países em geral e 88º lugar entre 146 países especificamente em termos de participação econômica e oportunidades. Esta estatística alarmante ressalta a necessidade urgente de abordar os desequilíbrios educacionais e econômicos enfrentados pelas mulheres no Brasil.

Além disso, historicamente, os homens têm assumido o papel principal na administração das finanças domésticas (FONSECA *et al.*, 2010; Zi Simopoulos, 2012; Elder; Rudolph, 2003), o que lhes proporcionam mais experiência e confiança na tomada de decisões financeiras (Babiarz; Robb; Woodyard, 2012).

Cúpak *et al.* (2018) analisaram dados da OECD/INFE de 12 países, dentre eles o Brasil, e constataram um *gap* significativo no nível de alfabetização financeira entre homens e mulheres com exceção da Croácia e Rússia, um percentual aproximado de 3%. Os autores associam tal número a condições sociais e econômicas advindas do período do comunismo, em que mulheres participavam ativamente do cotidiano e de decisões.

Em pesquisa recente do *TIAA Institute-GFLEC Personal Finance Index* (2024) foi apontado que nos últimos oito anos as mulheres tendem a ficar atrás dos homens apontando ainda que características demográficas não influenciam em grande escala sobre o índice de educação financeira das mulheres, posto que ainda com diversas características sociodemográficas sendo levadas em consideração o

público feminino possui uma taxa de acertos significativamente menor do que os do público masculino.

Em estudo realizado por Haque e Zulfiqar (2015), mulheres com maior domínio sobre conceitos financeiros apresentam maior autonomia na gestão de recursos, mais participação em decisões familiares e maior percepção de bem-estar financeiro. Além disso, a pesquisa aponta que atitudes financeiras positivas potencializam os efeitos da literacia financeira, funcionando como uma ponte entre o conhecimento e o comportamento prático. Essa constatação reforça a necessidade de programas educacionais que vão além do conteúdo técnico, incorporando elementos de mudança comportamental e estímulo à autonomia.

No entanto barreiras estruturais e socioculturais dificultam o acesso das mulheres à educação financeira, como a ausência de políticas públicas específicas, normas sociais que reforçam a dependência econômica e a falta de iniciativas de capacitação voltadas ao público feminino. baixo nível de educação financeira entre as mulheres é também um reflexo de condições sociais que desestimulam a autonomia financeira feminina.

A inclusão da mulher na realidade da educação financeira proporciona um crescimento econômico e promove a estabilidade financeira do país. Segundo o Fundo Monetário Internacional, nos países em que há maior nível de alfabetização financeira feminino as mulheres tendem a participar mais do setor financeiro, além de possibilitar maior chance de participação em cargos de maior nível de gestão em bancos e instituições financeiras (FMI, 2018). Portanto, reduzir o *gap* de gênero beneficia a economia do país social e economicamente fazendo a população como um todo crescer.

2.2 Fatores da diferença do nível educacional entre os gêneros

Inicialmente, é fundamental conceituar o gap educacional financeiro de gênero. Esse termo está relacionado à diferença persistente no nível de conhecimento e nas habilidades financeira entre homens e mulheres. Diversos estudos confirmam que, em média as mulheres apresentam menor alfabetização financeira do que os homens, e essa disparidade e outras variáveis socioeconômicas (Lusardi; Mitchell, 2014). Ou seja, não se trata somente de diferenças individuais em oportunidades ou formação, há ainda um componente de

gênero que influencia a educação financeira, conforme levantamentos globais recentes da OCDE (2023).

Fatores como diferenças socioculturais na educação e divisão de responsabilidades financeiras dentro da família, bem como a menor exposição das mulheres a decisões financeiras desde a infância intensificam essa disparidade.

Um dos fatores centrais por trás dessa diferença educacional financeira entre os gêneros é de natureza sociocultural e histórica. A literatura aponta que, historicamente, a administração financeira tem sido delegada, em grande parte, aos homens, enquanto às mulheres cabia um papel secundário ou indireto nessa esfera. Essa divisão de responsabilidades econômicas limitou a experiência e o aprendizado financeiro das mulheres ao longo da vida (Fonseca *et al.*, 2012; Elder; Rudolph, 2003).

Além disso, normas sociais e estereótipos de gênero perpetuam a ideia de que finanças pertencem ao “universo masculino”. O processo de socialização entre os gêneros se dá de forma diferente, desde a infância os meninos são incentivados a lidar com dinheiro e atividades relacionadas, enquanto as meninas tendem a receber menos estímulos nessa área (Haag; Brahm, 2025). Com isso, há uma menor exposição das mulheres a decisões financeiras, conceitos básicos de finanças e investimentos e conseqüentemente uma menor educação financeira na fase adulta tanto por barreiras impostas pelos papéis de gênero tradicionais quanto pela falta de incentivo cultural para que aprofundassem conhecimentos em economia ou investimentos. Esse contexto sociocultural cria uma base desigual de alfabetização financeira entre os sexos, contribuindo para o gap observado.

Outro fator está sob a ótica dos vieses comportamentais e cognitivos. Daniel Kahneman em seu livro *Rápido e Devagar* (2012) conceitua Vieses como tendências sistemáticas de desvio do padrão racional em relação à decisão, podendo levar a erros previsíveis nas escolhas financeiras. Um dos vieses que afeta prejudicialmente as mulheres é a tendência a ter menor confiança em si mesmas quando se trata de competências financeiras em comparação aos homens (Cwynar, 2021). Esse descrédito advém de diversas condições, entre elas a tendência histórica do estereótipo criado de que os homens são os responsáveis por cuidarem das finanças (Elder; Rudolph, 2003), uma vez que os papéis de gênero foram estabelecidos como normas sociais gerando uma identidade social atrelada aos vieses cognitivos.

Vieses comportamentais funcionam como caminhos alternativos sistemáticos do sistema racional que influenciam na tomada de decisão (Costa; Carvalho; Moreira, 2019). A partir desse conceito, a pesquisa de Hsu *et al.* (2021) evidencia que os homens tendem a apresentar maior tendência aos vieses de autoatribuição, ilusão de controle e vieses de confirmação, enquanto as mulheres demonstram maior aversão ao arrependimento. A educação financeira surge como um fator mitigador dessas diferenças, onde níveis mais elevados de alfabetização financeira resultam em uma redução significativa desses vieses comportamentais em ambos os gêneros, embora com taxas de redução diferentes.

Outro viés relevante é do autocontrole financeiro. Pesquisas sugerem que as mulheres tendem a planejar mais suas finanças pessoais e a exercer maior disciplina nos gastos quando possuem nível de autocontrole satisfatório. Um estudo abrangente conduzido com mulheres pertencentes à classe C na região metropolitana de São Paulo, Miotto e Parente (2015) demonstraram esse fato através de sua pesquisa em que as mulheres que apresentam níveis mais elevados de autocontrole e uma maior predisposição para realizar planejamento financeiro demonstram uma capacidade superior na administração de suas finanças pessoais. Entretanto, a investigação revelou ainda que, nos casos em que estas mulheres se encontram em situação de endividamento, as causas principais podem ser atribuídas predominantemente a dois fatores principais: um desequilíbrio significativo entre receitas e despesas em seu orçamento familiar, ou a ocorrência de eventos críticos e inesperados em suas vidas, tais como a perda repentina do emprego ou a dissolução do casamento através do divórcio.

Esse estudo corrobora com a teoria dos vieses cognitivos ao confirmar que o viés de autocontrole e o planejamento financeiro obtido a partir de uma base educacional financeira são reduzidos e induzem ao bem-estar econômico da mulher.

Adicionalmente, destaca-se o viés de confiança nas próprias habilidades financeiras, cuja diferença entre os gêneros é marcante. Em geral, homens costumam apresentar maior autoconfiança ao lidar com dinheiro e investimentos, enquanto algumas mulheres, prejudicialmente, revelam menor confiança em sua capacidade financeira pessoal em comparação aos homens (Cwynar, 2021). Esse descrédito advém de diversas condições, entre elas a tendência histórica do estereótipo criado de que os homens são os responsáveis por cuidarem das finanças (Elder; Rudolph, 2003), uma vez que os papéis de gênero foram

estabelecidos como normas sociais gerando uma identidade social atrelada aos vieses cognitivos.

Atrelada a esse baixo nível de autoconfiança, outra vertente da literatura destaca que o desnível entre os gêneros nas pesquisas sobre educação financeira é influenciado pela forma de mensuração do conhecimento financeiro. Sucessivos estudos indicam que as mulheres possuem a tendência de responder “não sei” quando esta é uma das alternativas (Alessie; Van Rooij; Lusardi, 2011; Bucher-Koenen; Lusardi, Alessie; van Rooij, 2017; Cúpak *et al.*, 2018; Potrich *et al.*, 2022). Essa inclinação pode estar associada ao viés de aversão ao risco e de autoconfiança entre as mulheres, posto que influenciam negativamente mais o público feminino do que os homens. A influência desses vieses é perceptível no estudo principalmente quando ao ser retirada a alternativa “não sei” as mulheres tendem a responder e pontuar, demonstrando que muitas mulheres possuíam o conhecimento, mas não a confiança para manifestá-la. Este fenômeno destaca a importância de compreender não apenas as diferenças de gênero nos vieses comportamentais atuando como fator, mas também como a educação financeira pode atuar como um equalizador dessas disparidades.

Além disso, a falta de conhecimento sobre planejamento financeiro, investimento e crédito pode levar ao endividamento e comprometer a realização de seus projetos de vida, contribuindo para a vulnerabilidade financeira da mulher. Em contrapartida, a alfabetização financeira pode aumentar a inclusão financeira formal (Zahid *et al.*, 2023), agindo como principal agente de transformação socioeconômico para as mulheres.

A informação é outro fator importante para a prática de investimentos e planejamento financeiro. Entretanto, precário acesso à informação comum em países emergentes (Fletschner; Mesbah, 2011), como consequência disso a mulher muitas vezes não possui acesso ao universo financeiro e ao sistema bancário. Ressalta-se ainda que a informação e o conhecimento são capazes de promover a inclusão da mulher no universo financeiro, visto que por meio dela se chega ao conhecimento capaz de reduzir barreiras ideológicas, sociais e comportamentais.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho busca compreender os fatores que contribuem para o baixo nível de educação financeira entre mulheres e analisar os desafios específicos enfrentados por elas e os impactos dessa limitação no cotidiano financeiro. Para isso é fundamental entender e identificar o que há de produção científica acerca da temática.

A literatura atual comporta diversas formas de revisões bibliográficas que partem de duas revisões, a revisão narrativa, que visa “descrever o estado da arte de um assunto específico” (Botelho; Cunha; Macedo, 2011), e a revisão bibliográfica sistemática, que parte de uma análise rigorosa com a finalidade de sintetizar resultados (Farenhof; Fernandes, 2016).

A revisão bibliográfica sistemática atua ainda como um guarda-chuva que abrange outras 4 formas de estudo (Botelho *et al.*, 2011). Como apontam Whitemore e Knafl (2005), a meta-análise, a revisão sistemática, revisão qualitativa e revisão integrativa são revisões sistemáticas, mas que partem de propósitos, definições, amostragens e tipos de análises diferentes.

Para o objetivo do presente trabalho, a Revisão Sistemática da Literatura (RLS) se faz necessária, posto que é o primeiro passo para compreender e produzir qualquer conhecimento científico. Por meio dela será possível analisar múltiplos estudos sobre o nível da educação financeira das mulheres, analisar e identificar os fatores e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em obter educação financeira.

O presente trabalho foi conduzido com base nas diretrizes do *PRISMA Statement (Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analyses)*. Essa escolha se justifica pela necessidade de reunir, analisar e sintetizar, de forma rigorosa e transparente, os estudos que apontam as evidências sobre os fatores geradores do baixo nível educacional financeiro da mulher e os desafios enfrentados por eles nesse contexto.

Com base nos direcionamentos metodológicos, seguiu-se com a definição das estratégias de busca, critérios de inclusão e exclusão e filtros temporais e linguísticos, visando garantir a qualidade e a relevância dos estudos selecionados. A coleta de dados foi realizada nas bases *Scopus*, *Web of Science* e *SciELO*, por serem amplamente reconhecidas e possuírem um amplo acesso a estudos nacionais e internacionais. Como filtros foram aplicados o ano de publicações entre

2011 e 2024, textos completos disponíveis nos idiomas português e inglês. Para descritores foi utilizado a combinação de “*financial literacy*”, “*financial educations*”, “*woman*”, “*gender gap*”, com os operadores booleanos *and* e *or*, presentes nos campos de título, resumo e palavras-chave.

O processo de seleção dos estudos foi realizado com base nos critérios de seleção estabelecidos previamente a partir do objetivo da RSL e seguiu-se as etapas de exclusão de duplicatas, leitura de títulos e resumos, leitura integral dos textos selecionados e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos artigos que possuem como foco temático a educação financeira entre mulheres de forma diferente ou significativa, focando nos fatores e barreiras que limitam o acesso das mulheres a esse conhecimento. Foi utilizado como critério de inclusão ainda textos nos idiomas português e inglês, com acesso completo disponível e que apresentam resultados, dados ou análises sobre fatores/barreiras relacionadas à educação financeira entre mulheres.

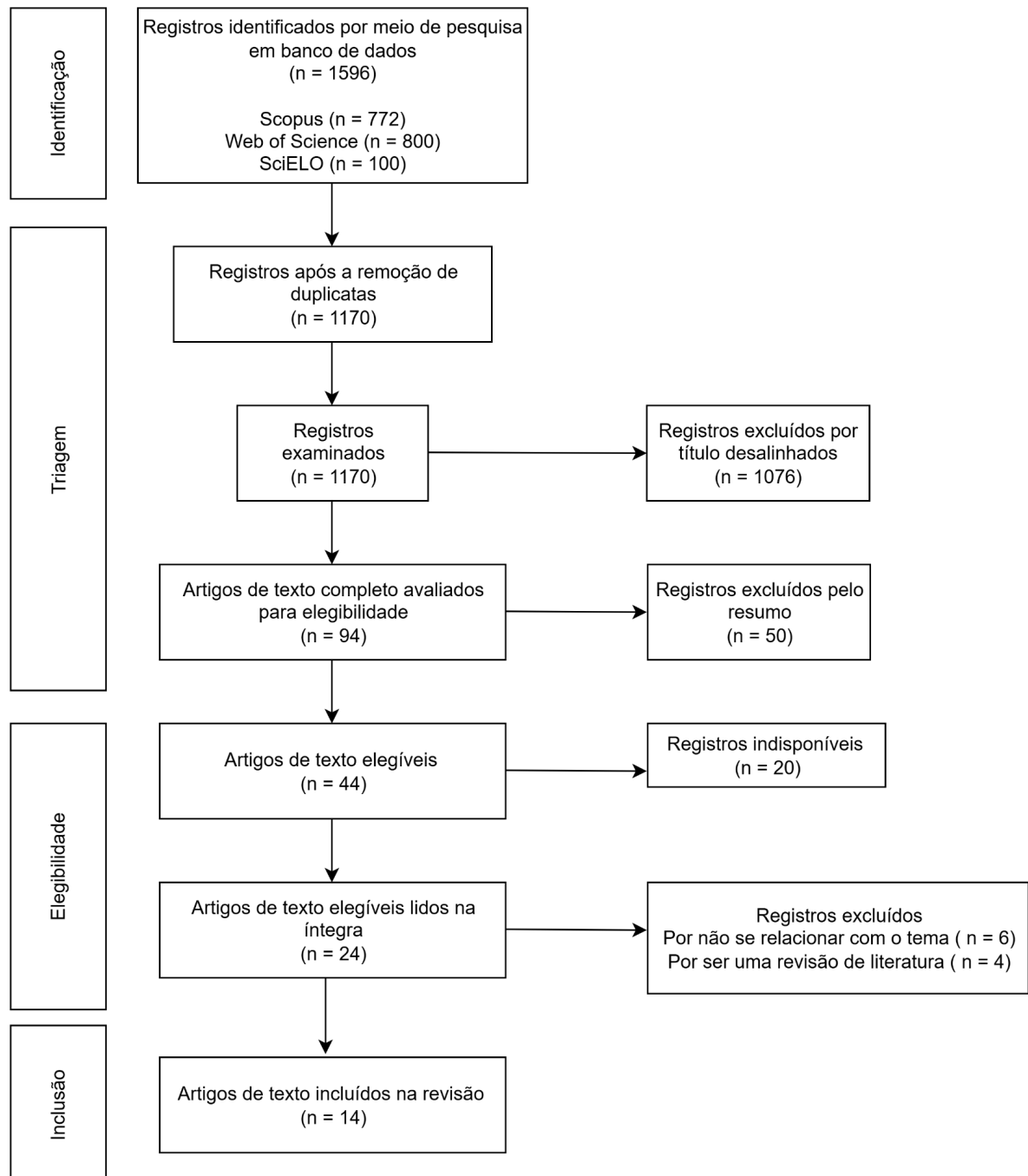
Como critério de exclusão foram adotados os seguintes: textos não alinhados com o objetivo da pesquisa, estudos que não tratam de educação financeira entre mulheres, estudos em outros idiomas, indisponíveis e estudos desalinhados com os objetivos dessa RSL. No processo de exclusão adotou-se as seguintes etapas: (i) títulos não alinhados com o tema foram eliminados na primeira triagem, seguidos de (ii) resumos que não apresentavam relação direta com os objetivos da pesquisa, depois (iii) artigos duplicados entre bases foram removidos, bem como aqueles que (iv) não estão disponíveis para acesso. Após essa etapa inicial, foi realizada a leitura dos textos pré-selecionados e foram excluídos estudos que não apresentavam relevância para a pesquisa.

O fluxo de seleção seguiu as quatro etapas recomendadas pelo PRSIMA que são a coleta, seleção por títulos, resumo e leitura completa dos textos elegíveis. Ao realizar a busca nas bases de dados Scopus, *Web of Science* e *SciELO*, utilizando os descritores “*financial literacy*”, “*financial education*”, “*woman*”, “*gender gap*” e “*gender*” e aplicando os filtros e critérios, foram encontrados 1596 artigos. Após a remoção de duplicatas ficaram 1170 trabalhos. Nesse quantitativo foram analisados e aplicados os critérios de inclusão e exclusão, como título desalinhado foram retirados 1076 artigos, resultando em um saldo de 94 artigos. A partir daí foram analisados os resumos desses trabalhos e foram retirados 50 artigos, ficando um saldo de 44. Desse total, 20 textos estavam indisponíveis, resultando em 24

artigos elegíveis para leitura. Após leitura completa ainda foram excluídos 6 artigos por não se relacionarem com a temática e 4 por não serem pesquisas qualitativas, resultando em 14 artigos para compor a amostra.

Figura 1 – Processo administrativo: ciclo repetitivo de eventos

Fonte: Autor (2025). Dados da pesquisa.



4 RESULTADO DA PESQUISA

A partir da aplicação da Revisão Sistemática da Literatura, conduzida com base nas diretrizes do *PRISMA Statement*, foi possível identificar, selecionar e analisar os principais estudos que abordam os fatores relacionados ao baixo nível de educação financeira entre mulheres sendo analisados com base no referencial, o contexto em que a pesquisa foi realizada, os fatores apontados pelos estudos e a metodologia de identificação da amostragem adotada.

4.1 Teoria

Nos estudos analisados três principais marcos conceituais são apontados que acompanham os a teoria dos fatores que contribuem para o baixo nível educacional financeiro entre as mulheres

Em primeiro lugar, diversos estudos baseiam-se na teoria da socialização financeira familiar ou enfatizam o papel dos fatores sociais e culturais, reforçando que normas e estruturas de gênero moldam as competências financeiras, isso fica evidente quando se analisa pesquisas realizadas com indivíduos em fase escolar, posto que já apontam essas características e indícios de divergência do nível educacional entre os gêneros. Tais trabalhos afirmam que as diferenças de gênero na educação financeira surgem, principalmente de papéis sociais de gênero, e normas culturais, investigando o efeito de discussões iniciais sobre finanças no meio familiar, estereótipos de gênero ou estado conjugal dos pais, com isso confirmam teóricos como Fonseca *et al.* (2012), Elder; Rudolph (2003) e Bucher-Koenen *et al.* (2011).

Em segundo lugar, teorias de finanças comportamentais são apontadas como fator para apontar esse gap de gênero da literacia financeira. Distinções comportamentais e psicológicas como diferenças em atitude de risco, níveis de confiança e motivação entre homens e mulheres (Hsu *et al.*, 2021). Pode atestar que os estudos demonstram a tendência das mulheres a serem mais avessas ao risco, enquanto homens frequentemente apresentam maior sobre confiança, inclusive na primeira fase de vida, como aponta pesquisas realizadas com amostragem do PISA 2012 (Arellano, *et al.*, 2018). Lind *et al.* (2020) indicam que o conhecimento subjetivo (autoconfiança) possui uma maior influência sobre os comportamentos financeiros

adequados do que o conhecimento real. Fonseca e Lord (2020) confirmam um gap de gênero no Canadá e mostram que maior autoconfiança financeira se associa a maior literacia financeira. Outro ponto essencial refere-se ao uso da medida subjetiva de alfabetização financeira, fundamentada na autoconfiança do indivíduo. De acordo com Bucher-Koenen *et al.* (2017), embora seja comum que as pessoas superestimem seu conhecimento, a percepção de quem detém maior competência financeira dentro da família geralmente determina quem toma as decisões financeiras — independentemente do real domínio técnico sobre o tema.

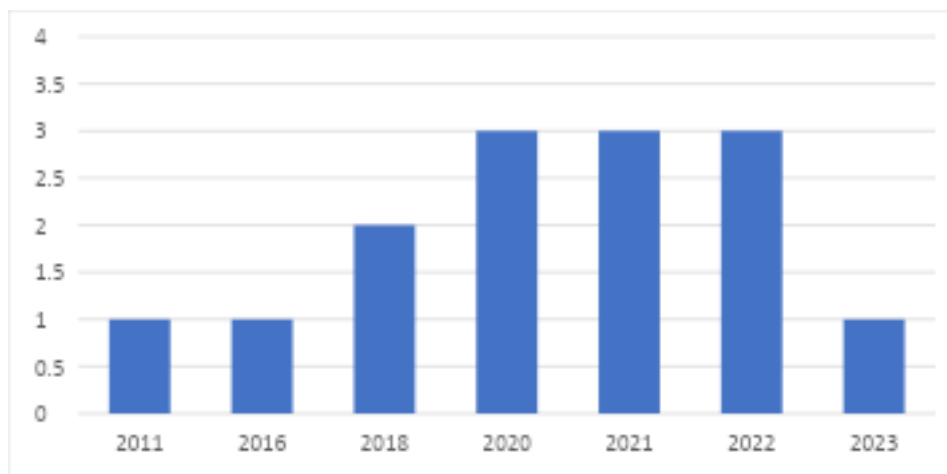
Por fim, os estudos focam ainda na inclusão financeira e no empoderamento das mulheres. Vários estudos ressaltam que maior literacia - especialmente digital - amplia o acesso de mulheres a serviços financeiros formais. Hasan *et al.* (2023) afirmam que empreendedoras com alta literacia financeira digital possuem maior probabilidade de usar canais bancários formais. Haque e Zulfiqar (2016) estabelecem também que a literacia financeira e atitudes positivas estão positivamente relacionadas ao empoderamento econômico de mulheres trabalhadoras

4.2 Contexto

Quando analisado o contexto dos estudos, percebe-se uma tendência crescente de interesse pela temática da educação financeira entre os gêneros sob a perspectiva dos fatores associados ao gap de literacia financeira, especialmente a partir de 2018. Como demonstra o Gráfico 1, embora haja registros anteriores (2011 a 2016), a produção científica nesse viés se intensificou de forma mais significativa em 2020, representando 21,4% da amostra total, cenário que se repete até 2022 de forma constante.

Esse comportamento sugere não apenas o amadurecimento do debate acadêmico sobre a desigualdade do conhecimento financeiro entre homens e mulheres, mas uma resposta às transformações socioeconômicas recentes, como a digitalização das finanças, o empoderamento feminino e os impactos da covid-19, que acirraram disparidades de conhecimento e acesso (Dwyer *et al.*, 2002; Hugh; Yoong; Brown, 2012; Haque; Zulfiqar, 2015; Byder *et al.*, 2019; Dogra; Kaushal; Ahamadou; Agda, 2023; Sharma, 2023; Lee; Kelley, 2023).

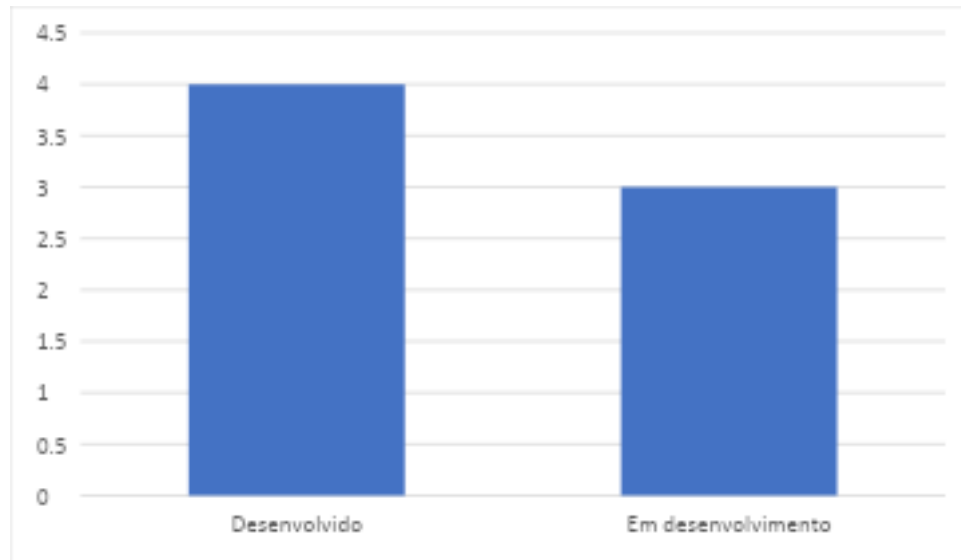
Gráfico 1 Distribuição temporal dos estudos



Fonte: Autor (2025). Dados da pesquisa.

Quando analisada a origem dos estudos com base no nível de desenvolvimento dos países (Gráfico 2), observa-se uma predominância de artigos oriundos de países desenvolvidos, que representam aproximadamente 57% da amostra, enquanto os estudos realizados em países em desenvolvimento correspondem a 43%. Embora haja uma maior concentração de estudos em regiões desenvolvidas, há uma diversificação geográfica crescente na abordagem da literacia financeira sob a ótica de gênero (Tabela 01). Com essa maior diversidade, percebe-se um escopo maior da literatura e, com isso, é possível analisar e compreender melhor a extensão do gap de gênero e os fatores que impactam nessa disparidade de conhecimento.

Gráfico 2 Distribuição geográfica dos estudos



Fonte: Autor (2025). Dados da pesquisa.

Tabela 1 – Estudos por região

Região	Número de artigos (%)	Autores
Europa	4 (28,6%)	Arellano et al. (2018) (Espanha) Broihanne (2022) (França) Lind et al. (2020) (Suécia)
Ásia	4 (28,6%)	Oggero et al. (2020) Hsu et al. (2021) (Taiwan) Hapsoro et al (2022) (Indonésia) Okamoto; Komamura (2021) (Japão) Kumar et al (2023) (Índia)
América do Norte	3 (21,4%)	Park et al. (2021) (Estados Unidos) Hsu (2011) (Estados Unidos) Fonseca; Lord (2022) (Canadá)
Oriente Médio	1 (7,1%)	Iram et al. (2022) (Paquistão)
América do Sul	1 (7,1%)	Potrich et al. (2018) (Brasil)

Austrália e
Oceania

1 (7,1%)

Farrell et al. (2016) (Australia)

Fonte: Autor (2025). Dados da pesquisa.

Ao analisar a faixa etária do grupo amostral dos estudos (Tabela 2), percebe-se uma maior concentração em adultos. Destaca-se, nesse contexto, dois estudos que focam especificamente em casais: Broihanne (2022), que investigou o gap de conhecimento financeiro entre parceiros, proporcionando uma compreensão mais aprofundada dos fatores subjetivos e relacionais envolvidos; e Hsu (2011), que analisou o comportamento do nível educacional financeiro entre casais idosos. Cabe ressaltar que essa lacuna contrasta com o envelhecimento populacional em escala global e com os riscos financeiros específicos enfrentados por essa faixa etária, como aposentadora, dependência de rendimentos fixos vistos principalmente entre mulheres (Lusardi; Mitchell, 2008).

Além disso, a amostra contempla dois artigos que abrangem faixas etárias mais jovens, o que permitiu inferir sobre as o gap de gênero desde as fases iniciais da vida. Essa abordagem é de extrema relevância, pois possibilita analisar como o nível de conhecimento financeiro das mulheres evolui ao longo do ciclo de vida, identificando, desde cedo, os fatores socioculturais e estruturais que podem contribuir para origem e perpetuação desse gap histórico

Tabela 2 – Estudos por idade

Tipo	Número de artigos	Artigos
Criança e adolescente	2	Arellano et al. (2018); Park et al. (2021)
Adultos	10	Broihanne (2022); Farrell et al. (2016); Fonseca & Lord (2020); Hapsoro et al. (2022); Hsu et al. (2021); Iram et al. (2022); Kumar et al. (2023); Lind et al. (2020); Oggero et al. (2020); Potrich et al. (2018)
Idosos	1	Hsu, J. W. (2011)
Adultos e Idosos	1	Okamoto & Komamura (2021)

Fonte: Autor (2019). Dados da pesquisa.

4.3 Fatores da diferença de gênero

O estudo de Arellano et al 2015 foi realizado com base na pesquisa do PISA de 2012 entre estudantes de 15 anos da Espanha e com isso evidenciaram que habilidades não cognitivas apontadas pelos autores como menor autoconfiança e menor interesse e perseverança das meninas em assuntos financeiros são responsáveis pelo gap da educação financeira entre os gêneros, pois reduzem o seu desempenho. Os autores demonstraram ainda que, ao se controlar estatisticamente esses fatores, a disparidade de gênero na educação financeira se reduz de forma significativa. A pesquisa evidenciou que a influência do gênero tem uma redução de 20% após a inclusão das habilidades não cognitivas como uma variável. Ou seja, o peso do gênero como fator explicativo é menor e sua relevância estatística também cai, indicando que o fator de ser homem ou mulher é menos determinante. Com isso, essa evidência reforçam a influência de fatores psicológicos e comportamentais no desempenho financeiro e que em grande parte são negligenciados em políticas públicas de educação financeira.

Lind e *tal.* apontam ainda que habilidades numéricas e de reflexão crítica, isoladamente, não explicam muito o comportamento financeiro e que o conhecimento financeiro objetivo e subjetivo apresenta maior influência sobre o desempenho do indivíduo nos testes de educação financeira. Seguindo essa perspectiva, Broihanne (2022) sustenta que a lacuna de gênero na educação financeira está atrelado ao viés autoconfiança, perceptível em grande parte entre as mulheres casadas. O estudo evidencia que, mesmo quando apresentam níveis iguais ou superiores de conhecimento financeiro objetivo em comparação aos homens, muitas mulheres tendem a se autoavaliar de forma negativa quanto à sua capacidade financeira. Esse comportamento revela uma discrepância entre o conhecimento real (objetivo) e a percepção feminina nas decisões econômicas dentro do ambiente familiar.

Essa percepção que o indivíduo tem sobre sua própria competência para lidar com finanças pessoais, investimentos e orçamentos nem sempre corresponde à realidade, posto que é possível uma pessoa com baixa pontuação em testes objetivos acreditar possuir grande domínio sobre finanças, e vice-versa (Broihanne, 2022). Fica evidente que entre as mulheres ocorre uma forte tendência de subestimação de suas capacidades financeiras manifestada pela falta de confiança

para tomar decisões e hesitação, além da dependência de terceiros - em sua maioria seu parceiro - para gestão do orçamento familiar.

Da mesma forma, Farrell et al. (2016) verificaram que, entre mulheres, níveis elevados de autoeficácia financeira - isto é, crença na própria capacidade de lidar com questões financeiras - estão associados positivamente com maior probabilidade de decisões financeiras vantajosas, independentemente do nível de conhecimento financeiro objetivo. O estudo revelou que mulheres com maior autoconfiança em suas habilidades de gestão financeira mostraram maior propensão a possuir produtos de investimentos e poupanças e menor probabilidade de possuir dívidas. Outro ponto de destaque identificado pelo estudo de Farrell *et al.* (2016) é persistência estatística desse efeito mesmo após o controle de variáveis sociodemográficas como escolaridade, renda idade e tolerância a risco, indicando que a autoeficácia financeira atua como um fator preditivo independente do comportamento financeiro feminino.

Fonseca e Lord (2019), assim como Kumar *et al.* (2023), também confirmam a autoconfiança financeira como fator primordial para o gap de gênero na literacia financeira, em especial para o baixo resultado em testes de conhecimento financeiro objetivo. No estudo, a diferença de confiança explicou cerca de 14,15% do gap de gênero na educação financeira.

Esses estudos evidenciam que a mulher não apenas sabem menos de finanças, como também tendem a ter menor confiança, uma combinação prejudicial para o desenvolvimento das mulheres, posto que possuem maior expectativa de vida, em sua maioria possuem salários menores que os do homens, possuem maior tendência a tomar decisões importantes e cotidianas em sua rotina doméstica e profissional e principalmente por possuírem papel importante na transmissão de hábitos e habilidades financeiras para seus filhos (Arellano *et al.*, 2015).

Lind *et al.* (2020) estendem esse fator ao estudar nível de literacia financeira associando conhecimento objetivo e subjetivo para melhor relacionar e identificar os fatores associados ao gap de gênero. Em primeiro lugar, eles identificam que o conhecimento real precisa estar associado autoconfiança para que a capacidade e as habilidades financeiras sejam efetivas e produzam práticas financeiras sólidas. Entretanto, o efeito do comportamento mais prudente característicos das mulheres observado no estudo de Lind *et al.* (2020) e Okamoto; Komamura (2021), mesmo quando possuem conhecimento objetivo mais sólido, sobressaem gerando maior

ansiedade e menos segurança em relação as decisões financeiras. Essa situação infelizmente evidencia que as mulheres tomam decisões financeiras com desvantagens de conhecimento e distinta abordagem comportamental.

Esse feito da autoconfiança é receptível desde a adolescência. A falta de modelos femininos e autoconfiança das alunas contribui para manter a lacuna de gênero em literacia financeira (Park *et al.*, 2021), isso é influenciado pela ainda baixo número de mulheres em posições de liderança e pelo estereótipo atribuído a mulher durante as primeiras fases de vida (Fonseca *et al.*, 2012). Como consequência dessa realidade as meninas tendem ao desinteresse em adquirir conhecimento financeiro em comparação aos meninos, como visto na pesquisa de Park *et al.*, (2021) e, ou seja, o gap de gênero na literacia financeira se inicia da juventude com a falta de oportunidades educativas e de estímulos que gerem confiança para as meninas tal como é feito o processo educativo dos homens.

Os vieses comportamentais também são fatores analisados em alguns estudos como motivador do baixo nível de educação financeira entre as mulheres. Hsu *et al.* (2021) e Kumar *et al.* (2023) mostraram em sua pesquisa que as mulheres possuem maior aversão ao risco e tendência ao arrependimento nas decisões de investimento. Kumar *et al.* (2023) coloca ainda o fator social formado pelo acordo social de que os homens são historicamente responsáveis pela gestão financeira. Esses achados reforçam estudos prévios de que investidores homens tendem a demonstrar maior confiança e atribuem resultados positivos de suas decisões a si mesmos, enquanto as mulheres tendem a ser mais cautelosas (Barber; Odean, 2001).

Hsu *et al.* (2021) descobriram que homens apresentam mais vieses de autoatribuição e ilusão de controle, enquanto mulheres são mais avessas ao arrependimento; porém, entre indivíduos com alta literacia financeira, esses vieses tendem a se nivelar entre gêneros. Katauke *et al.* (2023) encontram que maior literacia reduz a impulsividade nas decisões financeiras, especialmente em mulheres e adultos mais velhos.

Além disso, Iram *et al.* (2022) observaram que a literacia financeira diminui vieses como contabilidade mental e aversão a risco em empreendedoras com alta consciência financeira. Eles também constataram que esses vieses afetam consideravelmente o nível de educação financeira das mulheres e que com o

aumento do nível de literacia, menor a propensão a apresentar o viés de contabilidade mental - padrão que se repete também sob influência da atenção plena. Seguindo essa lógica, o estudo sugere que a educação financeira, quando alinhado ao desenvolvimento de habilidades comportamentais como autocontrole e a atenção consciente, contribui para reduzir distorções cognitivas que comprometem a saúde financeira das mulheres, sobretudo em contextos de vulnerabilidade econômica.

A situação do nível de literacia financeira se agrava entre mulheres de maior vulnerabilidade. Mulheres solteiras, com menor nível de escolaridade, menor escolaridade e renda pessoal e familiar mais baixa são o perfil identificado em estudos como o de Potrich *et al.* (2018), que também aponta a questão do gap de gênero da educação financeira como além do nível de conhecimento técnico, adentrando em fatores como escolaridade, estado civil e renda.

Hapsoro et al. (2022) constaram que há uma relação negativa e significativa entre o nível de educação financeira e a vulnerabilidade financeira da mulher, ou seja, quanto menor o nível de educação financeira, maior a sua vulnerabilidade financeira. Adicionalmente, eles identificaram que as mulheres, mesmo quando adquirem conhecimento financeiro, apresentam menor resiliência econômica em comparação aos homens e atrela esse fato a aspectos socioeconômicos e demográficos como baixa escolaridade, hábitos financeiros precários, dependência econômica do parceiro e barreiras de acesso à tecnologia financeira. Ou seja, além do gap de gênero, a mulher sofre um menor impacto de melhoria na sua condição de vulnerabilidade comparado ao homem.

Em seu estudo Hsu (2011) salienta que “nos EUA, as mulheres tendem a ter níveis mais baixos de literacia financeira que os homens, o que é consistente com uma divisão de trabalho no lar na qual os homens gerenciam as finanças”. Essa realidade, contudo, se torna preocupante posto que as mulheres tendem a viver mais do que seus parceiros, e, por isso, precisam assumir a gestão das finanças da família após a morte do cônjuge. Como destaca Bucher-Koenen et al. (2017), essa transição ocorre frequentemente sem o preparo adequado, já que mesmo aquelas com experiência de vida acumulada mantêm baixos índices de conhecimento financeiro, o que pode comprometer sua autonomia e segurança econômica no longo prazo.

Destaca-se ainda dois fatores-chave para o gap de gênero: especialização financeira masculina no casal, levando as esposas a ficarem para trás no conhecimento (Hsu, 2011), e maior longevidade feminina criando um incentivo para postergar o ensino (Hsu, 2011; Okamoto e Komamura, 2021). Esse último fator é corroborado com o fato de que as mulheres adquirem educação financeira à medida que a viuvez se aproxima.

Oggero *et al.* (2020) identificou que o gap educacional financeiro não é resolvido apenas com literacia, afirmando que há barreiras que vão além da falta de conhecimento. Tendo em vista que a educação financeira está relacionada também as habilidades desenvolvidas e aplicadas (OCDE, 2013), a dificuldade de acesso a crédito, falta de networking, responsabilidades familiares características do público feminino se tornam barreiras socioculturais que impedem a mulher adquirir pleno conhecimento e sucesso financeiro. Percebe-se ainda a influência do viés de aversão ao risco, falta de confiança e da falta de estímulo para a mulher em transformar seu conhecimento em negócios, decisões e investimentos.

4.4 Metodologia

Em relação a metodologia os artigos utilizaram diferentes tipos de instrumento de medida para avaliar o nível de educação financeira.

Estudos como o de Oggero *et al.* (2020) utilizaram como metodologia para mensuração dos resultados um base dado já existente a *Survey of Household Income and Wealth*. Essa pesquisa realizada pelo Banco da Itália utiliza um conjunto de perguntas conhecido como Big 3, proposto por Lusardi e Mitchell (2008). O questionário consiste em 3 questões objetivas que permitem avaliar o nível de conhecimento básico dos indivíduos sobre conceitos fundamentais como taxa de juros, inflação e diversificação de risco.

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) é uma avaliação internacional de larga escala realizada pela OCDE, que tem como principal objetivo avaliar o desempenho educacional de estudantes em diversas áreas de conhecimento, independentemente do ano escolar em que se encontram. A avaliação ocorre a cada três anos e busca medir não apenas a reprodução de conhecimentos, mas também a capacidade dos alunos de aplicar o que aprenderam em situações da vida real. Entre as áreas avaliadas, destaca-se a inclusão da

educação financeira, refletindo a crescente importância de habilidades financeiras na vida contemporânea e na tomada de decisões informadas. Diante da relevância desse estudo, Arellano, *et al.* (2018) o adotaram como base de dados para sua análise.

Outros instrumentos de coleta de dados realizados por pesquisas, organizações e bancos foram utilizados por diversos estudos como foi a MiFID, um conjunto de diretrizes que regulamentam o mercado financeiro europeu e coletam informações por meio de questionários MiFID, como explica Broihanne, (2022) é “constituído de três seções: objetivos financeiros, capacidade financeira e experiência e conhecimento financeiro.” Fonseca e Lord (2019) utilizou base de dados da Canadian Financial *Capability Survey* (CFCS) para mensurar a educação financeira e identificar os fatores associados ao gap. O CFCS é um questionário estruturado e nacionalmente aplicado que contém itens objetivos e uma pergunta subjetiva sobre autoconfiança, fator este estudado pelos autores.

Hsu (2011) utilizou em sua pesquisa como instrumento de base de dados as informações do *Cognitive Economics Survey* (CogEcon), um levantamento nacional conduzido nos Estados Unidos com indivíduos a partir de 51 anos e seus cônjuges. Essa pesquisa se fez interessante pois analisou o gap educacional em outro ciclo de vida o que permite analisar de forma mais abrangente o impacto da diferença de gênero na educação financeira.

Outros estudos não fizeram uso de instrumento de medição em específico como o caso de Farrel, Fry e Risse (2016), que adotaram uma linha de análise comportamental, utilizando a posse de produtos financeiros como variável substituta para avaliar educação financeira objetiva e a Financial Self-Efficacy Scale (FSSES) que avalia a autoconfiança financeira das mulheres.

Hapsoro *et al.* (2022) mensuraram a educação financeira por meio de um questionário estruturado com base na escala de Huston (2010), instrumento metodológico importante para estimação da educação financeira, composto por cinco itens avaliados em escala Linkert de cinco pontos. A mensuração teve caráter subjetivo, captando a percepção dos respondentes sobre sua própria capacidade de gerir finanças pessoais, compreender os produtos financeiros e planejar seu orçamento, indo muito além do domínio conceitual, avaliando, principalmente a aplicação dos conhecimentos financeiros. Essa abordagem se mostra muito eficiente e conferente com o conceito adotado pela OCDE para educação financeira, que

abarca não apenas o nível de educação, mas também as habilidades práticas desse conhecimento.

No estudo de Hsu *et al.* (2021), a educação financeira foi mensurada por meio de um questionário objetivo contendo dez perguntas baseadas no modelo da OCDE/INFE (2018), reconhecido internacionalmente por avaliar conhecimento financeiro fundamental. Os itens abrangeram conceitos como juros compostos, inflação, risco e produtos financeiros, e a pontuação total foi utilizada como indicador de literacia financeira objetiva.

Hsu *et al.* (2021) avaliaram a educação financeira utilizando um questionário objetivo de dez perguntas. Este questionário foi elaborado com base no modelo da OCDE/INFE (2018), que é internacionalmente reconhecido para aferir conhecimentos financeiros essenciais. Os itens abordaram temas como juros compostos, inflação, risco e produtos financeiros, e a soma das pontuações serviu como métrica para a literacia financeira objetiva.

Lind *et al.* (2020) utilizaram a Escala de Comportamento de Gestão Financeira (FMBS) desenvolvida por Dew e Xiao (2011) para avaliar o nível de literacia subjetiva associado a metodologia de Lusardi e Mitchell (2008) que busca mensurar a educação financeira de modo objetivo. O uso desses conjuntos de instrumentos permitiu aos autores analisarem as relações entre conhecimento, comportamento e percepção financeira de forma mais validade ao associar as duas formas de educação financeira.

Estudos como de Iram *et al.* (2022), Kumar *et al.* (2023), Park *et al.* (2021), Potrich *et al.* (2018) utilizaram escalas adaptadas de estudos anteriores formando seu questionário como instrumento de mensuração para analisar o gap de gênero na educação financeira.

Quadro 1 – Fatores do gap de gênero em educação financeira

Fator Apontado	Autores
Socialização Diferenciada e Estereótipos de Gênero	Arellano <i>et al.</i> (2015); Park <i>et al.</i> (2021); Fonseca <i>et al.</i> (2012)
Vieses Cognitivos e Comportamentais	Arellano <i>et al.</i> (2015); Lind <i>et al.</i> (2020); Broihanne (2022); Farrell <i>et al.</i> (2016); Fonseca & Lord (2019); Kumar <i>et al.</i> (2023); Okamoto & Komamura (2021); Hsu <i>et al.</i> (2021); Katauke <i>et al.</i> (2023); Iram <i>et al.</i> (2022)

Fatores Socioeconômicos e Demográficos	Potrich et al. (2018); Hapsoro et al. (2022); Hsu (2011); Bucher-Koenen et al. (2017); Oggero et al. (2020)
Acesso à Informação e Educação Financeira Formal	Park et al. (2021); Arellano et al. (2015); Oggero et al. (2020); OCDE (2013)

Fonte: Autor (2025). Dados da pesquisa.

5 CONCLUSÃO

Diante do conjunto de estudos analisado neste trabalho, evidencia-se que o gap de gênero na educação financeira não decorre de uma única causa, mas de um conjunto de fatores interligados — cognitivos, psicológicos, comportamentais e marcadamente estruturais. Não se trata apenas de falta de conhecimento, mas de obstáculos que vão desde a baixa autoconfiança e eficácia financeira, passando pelos vieses de aversão ao risco e ao arrependimento, e que se intensificam por barreiras concretas como diferença de renda, acesso restrito à tecnologia, limitações educacionais e normas sociais que historicamente reservam aos homens a responsabilidade pelas finanças familiares.

Vale destacar, ainda, que o desenvolvimento das competências financeiras entre mulheres é comprometido desde cedo, devido à carência de estímulos na infância e à perpetuação de papéis tradicionais. Conforme se avança na idade, a lacuna tende ainda a se aprofundar, especialmente para aquelas que precisam assumir a gestão dos recursos da família após a viuvez, muitas vezes sem preparo suficiente para tanto.

Observa-se ainda que a especialização financeira masculina e a ausência de estímulos educativos desde a infância comprometem o desenvolvimento de competências entre meninas e mulheres. De forma preocupante, os efeitos dessa lacuna tendem a se agravar com a idade, sobretudo quando as mulheres assumem, tardiamente e por necessidade, a gestão das finanças familiares após a viuvez. Portanto, fica evidente que políticas de educação financeira que desconsiderem essas dimensões subjetivas e contextuais são insuficientes para mitigar o problema.

Assim, as políticas de educação financeira, para serem efetivas, devem reconhecer e abordar essas realidades, indo além do viés técnico e incorporando dimensões comportamentais e subjetivas do aprendizado. O fortalecimento da autoconfiança, a valorização de experiências práticas e o reconhecimento das particularidades das mulheres em cada etapa do ciclo de vida se mostram indispensáveis como estratégia para enfrentar, de maneira estruturada, as desigualdades de gênero no campo financeiro.

Apesar das contribuições alcançadas, esta pesquisa apresenta algumas limitações que merecem ser destacadas. O recorte metodológico baseado exclusivamente na revisão sistemática de literatura, embora criterioso, limita-se a

estudos previamente publicados em bases indexadas, o que pode excluir experiências locais, dados não publicados e realidades de grupos menos representados. Além disso, observou-se uma concentração geográfica em países desenvolvidos focados na fase adulta, o que restringe a compreensão do desenvolvimento da educação financeira ao longo do ciclo de vida e em contextos mais vulneráveis. Faixas etárias como infância e velhice, por exemplo, ainda são pouco abordadas, apesar de serem fases críticas para a formação e o uso das competências financeiras.

Nesse sentido, estudos futuros podem se beneficiar da ampliação do recorte etário e territorial, de modo a incluir diferentes realidades regionais e culturais — especialmente em países em desenvolvimento. Além disso, recomenda-se a investigação do impacto longitudinal de programas de educação financeira com abordagem comportamental e de gênero, a fim de verificar sua eficácia no fortalecimento da autonomia econômica feminina ao longo do tempo. Caminhos práticos também se abrem para o desenvolvimento de ferramentas diagnósticas que combinem medidas de conhecimento objetivo e percepções subjetivas, permitindo a construção de perfis mais precisos para intervenções pedagógicas e políticas públicas.

REFERÊNCIAS

- AHAMADOU, M.; AGADA, D. B. Adopting FinTech to promote financial inclusion: Evidence from western African economic and monetary union. **International Journal of Applied Economics, Finance and Accounting, Online Academic Press**, USA, v. 17, n. 1, p. 135-145, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33094/ijaefa.v17i1.1090>.
- ANDRADE, J. P.; LUCENA, W. G. L. Educação financeira: uma análise de grupos acadêmicos. **Revista Economia & Gestão**, v. 18, n. 49, p. 103-121, 2018.
- ARELLANO, A. et al. Explaining the Gender Gap in Financial Literacy: The Role of Non-Cognitive Skills. 2018.
- ASSIS, J. S. Empoderamento feminino e sua relação com o mercado do trabalho e a independência financeira. 2023.
- BABIARZ, P.; ROBB, C. A.; WOODYARD, A. Family Decision Making and Resource Protection Adequacy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 46, n. 1, p. 1-36, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2012.01224.x>.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.
- BROIHANNE. Banks retail clients' profiles and the gender gap in subjective financial literacy of spouses. 2022.
- BUCHER-KOENEN, T.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R.; VAN ROOIJ, M. How financially literate are women? **An overview and new insights. Journal of Consumer Affairs**, v. 51, p. 255-283, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1111/joca.12121>.
- COSTA, D. F.; CARVALHO, F. M.; MOREIRA, B. C. M. Behavioral economics and behavioral finance: A bibliometric analysis of the scientific fields. **Journal of Economic Surveys**, v. 33, n. 1, p. 3-24, 2019.
- CWYNAR, A. Do women behave financially worse than men? Evidence from married and cohabiting couples. **Central European Business Review**, v. 10, n. 5, p. 81-98, 2021.
- ELDER, H. W.; RUDOLPH, P. M. Who Makes the Financial Decisions in the Households of Older Americans?. **Financial Services Review**, v. 12, n. 4, p. 293-308, 2003.
- FARRELL, L. et al. The significance of financial self-efficacy in explaining women's personal finance behaviour. 2016.
- FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SFF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 21, n. 3, p. 550-563, 2016.

FONSECA, R.; LORD, S. Canadian Gender Gap in Financial Literacy: Confidence Matters. 2020.

FONSECA, R.; MULLEN, K. J.; ZAMARRO, G.; ZISSIMOPOULOS, J. What explains the gender gap in financial literacy? The role of household decision making. **Journal of Consumer Affairs**, v. 46, n. 1, p. 90-106, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2011.01221.x>. Acesso em: jan. 2025.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). Mulheres nas finanças: Um argumento econômico para a igualdade de gênero. 19 set. 2018. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2018/09/19/blog-women-in-finance>. Acesso em: jan. 2025.

GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. de S. A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, n. 2, p. 335-342, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>.

HAAG, L.; BRAHM, T. The Gender Gap in Economic and Financial Literacy: A Review and Research Agenda. **International Journal of Consumer Studies**, v. 49, n. 2, e70031, 2025.

HAQUE, A.; ZULFIQAR, M. Women's economic empowerment through financial literacy, financial attitude and financial wellbeing. **International Journal of Business and Social Science**, v. 7, n. 3, p. 78-88, 2016.

HAPSORO, D. et al. Effect of gender as a moderating variable on financial vulnerability using hierarchical regressions: Survey evidence from Indonesian traditional market traders. 2022.

HASLER, A.; LUSARDI, A. The Gender Gap in Financial Literacy: A Global Perspective. Policy Brief. Washington, DC: Global Financial Literacy Excellence Center, The George Washington University, jul. 2017. 16 p. Disponível em: <https://gflec.org/wp-content/uploads/2017/07/The-Gender-Gap-in-Financial-Literacy-A-Global-Perspective-Policy-Brief.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

HIRA, T. K. Personal finance: past, present and future. Networks Financial Institute Policy Brief, n. 2009-PB-10, 1 dez. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1522299>. Acesso em: 28 jan. 2025.

HSU, J. W. Aging and strategic learning: The impact of spousal incentives on financial literacy. 2011.

HSU, S. Cost Information and Pricing: Empirical Evidence. **Contemporary Accounting Research**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 554-579, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1911-3846.2010.01051.x>.

HSU, Y. L. et al. Does financial literacy mitigate gender differences in investment behavioral bias?. **Finance Research Letters**, v. 41, p. 101789, 2021.

HUNG, A.; YOONG, J.; BROWN, E. Empowering Women Through Financial Awareness and Education. OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, n. 14, Paris: OECD Publishing, 1 mar. 2012. DOI:10.1787/5k9d5v6kh56g-en.

IRAM, T. et al. Building a Conscientious Personality is Not Sufficient to Manage Behavioral Biases: An Effective Intervention for Financial Literacy in Women Entrepreneurs. 2022.

IRIOBE, O.; AKINYEDE, O.; IRIOBE, G. Financial literacy and financial inclusion for entrepreneurship development in Nigeria. **West African Journal of Business and Management Sciences**, v. 7, n. 1, p. 1-7, 2017.

KADOYA, Y.; KHAN, M. S. R. What determines financial literacy in Japan?. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 19, n. 3, 2020.

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KUMAR, P. et al. Analysing the behavioural, psychological, and demographic determinants of financial decision making of household investors. 2023.

LIND, T. et al. Competence, Confidence, and Gender: The Role of Objective and Subjective Financial Knowledge in Household Finance. 2020.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement preparedness: Evidence and implications for financial education. **Business Economics**, v. 42, n. 1, p. 35-44, 2007.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. **Journal of Economic Literature**, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014.

MIOTTO, A. P. S.; PARENTE, J. Antecedentes e consequências do gerenciamento das finanças domésticas na classe média baixa brasileira. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 1, p. 50-64, 2015.

OGGERO, N. et al. Entrepreneurial spirits in women and men. The role of financial literacy and digital skills. 2020.

OKAMOTO, S.; KOMAMURA, K. Age, gender, and financial literacy in Japan. 2021.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. PISA 2012 Results: Students and Money – Financial Literacy Skills for the 21st Century (Volume VI). Paris: OECD Publishing, 2014. Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/financial-education/pisa-2012-results.htm>. Acesso em: 28 jun. 2025.

PARK, C. M. et al. Empowering Women in Finance through Developing Girls' Financial Literacy Skills in the United States. 2021.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; CERETTA, P. S. Nível de Alfabetização Financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante?. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, [Campo Largo], v. 12, n. 3, p. 315-334, jan. 2013. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18839>.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. How well do women do when it comes to financial literacy? Proposition of an indicator and analysis of gender differences. 2018.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; PARABONI, A. L. As mulheres são realmente menos educadas financeiramente? O efeito “não sei”. **Teoria e Prática em Administração**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2022.
DOI:10.22478/ufpb.2238-104X.2022v12n2.60952.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

YAKOBOSKI, P. J.; LUSARDI, A.; STICHA, A. Financial literacy and retirement fluency: new insights for improving financial well-being. TIAA Institute Research Paper Series, forthcoming, 1 abr. 2024.

ZAHID, R. M. A.; RAFIQUE, S.; KHURSHID, M. et al. Do women 's financial literacy accelerate financial inclusion? Evidence from Pakistan. **Journal of Knowledge Economy**, v. 15, p. 4315-4337, 2024.

APÊNDICE A – PROTOCOLO RSL

Item	Descrição
Objetivo da RSL	Compreender os fatores que contribuem para o baixo nível de educação financeira entre mulheres e os desafios enfrentados por elas.
Bases de Dados	Scopus, Web of Science e SciELO
Período de Publicação	2002 a 2024.
Idiomas	Português, Inglês e Espanhol.
Estratégia de Busca	Utilização dos descritores “financial literacy”, “financial education”, “women”, “gender gap” e “gender”, combinados com os operadores booleanos AND e OR, aplicados aos campos de título, resumo e palavras-chave.
Critérios de Inclusão	Estudos empíricos e teóricos que abordam diretamente a educação financeira entre mulheres; publicações com texto completo disponível; estudos em português, inglês ou espanhol; publicações dentro do período estabelecido.
Critérios de Exclusão	Artigos duplicados; documentos sem acesso ao texto completo; trabalhos fora do escopo temático; resumos de conferências, editoriais e capítulos sem dados empíricos.